HAMLET

de William Shakespeare
(1564 – 1616)

RESUMO DA NARRATIVA

Estima-se que Shakespeare tenha criado “Hamlet” por volta de 1600, a partir de relatos anteriores do herói Amleth, referido primeiramente na História Dinamarquesa, escrita por Saxo Grammaticus no século XII, e reapresentado na obra “Histórias Trágicas” de Belleforest, publicada em 1570. A peça tem clima noturno e passa-se num hipotético reinado na Dinamarca. A semelhança entre o nome do príncipe da Dinamarca e do filho de Shakespeare, Hamnet, morto de peste em 1596 com onze anos, pode ter sido uma homenagem. É a peça mais longa de Shakespeare e a mais complexa.

⌘ ⌘ ⌘ ⌘ ⌘

Ato I

O rei Hamlet está morto há cerca de dois meses. Por causa disso, a Dinamarca encontra-se em estado de alerta preparando-se para uma possível guerra contra o jovem Fortimbrás da Noruega, cujo pai havia sido morto trinta anos antes em duelo pelo falecido rei Hamlet que obtivera, assim, direitos sobre a coroa. A Dinamarca agora é governada pelo rei Cláudio, irmão do rei falecido, que tomara em casamento Gertrudes, sua cunhada e mãe do príncipe Hamlet.

O rei Cláudio, temendo o jovem Fortimbrás, envia embaixadores à Noruega para contê-lo. Consegue sucesso aparentemente, mas há uma tensão permanente no ar.

O jovem Hamlet encontra-se muito perturbado com os acontecimentos. Cláudio, juntamente com a rainha, não compreende por que Hamlet ainda pranteia seu pai morto após dois meses. O novo rei comemora seu início de reinado com festas extravagantes. Promete publicamente a Hamlet o lugar de sucessor. A rainha pede ao filho que não volte para Wittemberg, onde estudava. No seu primeiro solilóquio, Hamlet explica por que não aprova sua mãe ter casado com o tio apenas um mês depois da morte do marido:

HAMLET
Oh, que esta carne tão, tão maculada derretesse,
Explodisse e se evaporasse em neblina!
Oh, se o Todo-Poderoso não tivesse gravado
Um mandamento contra os que se suicidam.
Ó Deus, ó Deus! Como são enfadonhas, azedas ou rançosas,
Todas as práticas do mundo!
Ó tédio, ó nojo! Isto é um jardim abandonado,
Cheio de ervas daninhas,
Invadido só pelo veneno e o espinho –
Um quintal de aberrações da natureza.
Que tenhamos chegado a isto...
Morto há apenas dois meses! Não nem tanto. Nem dois.
Um rei tão excelente. Compará-lo com este
É comparar Hipérion, Deus do Sol,
Com um sátiro lascivo. Tão terno com minha mãe
Que não deixava que um vento mais rude lhe roçasse o rosto.
Céu e terra! É preciso lembrar?
Ela se agarrava a ele como se seu desejo crescesse
Com o que o nutria. E, contudo, um mês depois

É melhor não pensar! Fragilidade, teu nome é mulher!
Um pequeno mês, antes mesmo que gastasse
As sandálias com que acompanhou o corpo de meu pai,
Como Níobe, chorando pelos filhos, ela, ela própria –
Ó Deus! Uma fera, a quem falta o sentido da razão,
Teria chorado um pouco mais – ela casou com meu tio,
O irmão de meu pai, mas tão parecido com ele
Como eu com Hércules! Antes de um mês!
Antes que o sal daquelas lágrimas hipócritas
Deixasse de abrasar seus olhos inflamados,
Ela casou. Que pressa infame,
Correr assim, com tal sofreguidão, ao leito incestuoso!
Isso não é bom, nem vai acabar bem.
Mas estoura, meu coração! Devo conter minha língua! (págs. 58-59)

De partida para França, Laertes, filho do lorde camarista Polônio, dá à sua irmã Ofélia conselhos, advertindo-a a não se apaixonar pelo jovem Hamlet, sob pena de se magoar. Polônio também recomenda à sua filha não retribuir o afeto de Hamlet, porque, na opinião dele, o Príncipe a estaria apenas usando. Ofélia confirma a seu pai o rompimento com o jovem Hamlet: *"...como o senhor mandou, recusei as cartas e evitei que ele se aproximasse."*

Um fantasma com a aparência do falecido rei Hamlet é visto por volta da meia-noite pelos guardas no terraço do castelo Elsinor da família real dinamarquesa. Hamlet, alertado da aparição pelo guarda Marcelo e por seu amigo Horácio, vai ao encontro do fantasma. Hamlet diz aos que querem impedi-lo: *"O meu destino chama e torna as menores artérias do meu corpo tão fortes quanto os nervos do Leão da Neméia[1]"*. A distância, Marcelo comenta: *"Há algo de podre no Estado da Dinamarca"* e Horácio retruca: *"O céu providencia"*.

A aparição diz ser o fantasma do rei Hamlet, declara estar no purgatório e conta ao Príncipe ter sido envenenado pelo irmão, Cláudio, que lhe deitou veneno no ouvido enquanto dormia. O fantasma incumbe Hamlet de vingar sua morte, mas sem punir a rainha Gertrudes por ter se casado com o cunhado:

FANTASMA
Se você tem sentimentos naturais não deve tolerar;
Não deve tolerar que o leito real da Dinamarca
Sirva de palco à devassidão e ao incesto.
Mas, seja qual for a tua forma de agir,
Não contamina tua alma deixando teu espírito
Engendrar coisa alguma contra a tua mãe. Entrega-a ao céu,
E aos espinhos que tem dentro do peito:
Eles ferem e sangram. Adeus de uma vez!
O vaga-lume começa a empalidecer sua luz noturna;
É que a alvorada o vence.
Adeus, adeus, adeus! Lembra de mim. (págs. 82-83)

Hamlet faz Horácio e Marcelo jurarem silêncio a respeito do encontro com o fantasma:

HAMLET
Vão ouvir o que nenhum coração jamais imaginou. Mas, guardam segredo?

HORÁCIO E MARCELO
Sim, meu senhor, por tudo que é sagrado.

HAMLET
Não há em toda Dinamarca um só canalha

---

[1] Primeiro dos doze trabalhos de Hércules. Não se podendo ferir a impenetrável musculatura do leão de Neméia com a espada, Hércules o estrangulou.

Que não seja um patife consumado.

HORÁCIO
Meu senhor, não é preciso um fantasma sair da sepultura
Pra nos dizer isso.

HAMLET
É mesmo; é verdade. Você está certo.
Então, sem mais circunlóquios,
Acho conveniente, com um aperto de mão,
Irmos embora.
Vocês pra onde as ocupações ou a vontade lhes indique –
Pois todo homem, a todo momento,
- Tem uma ocupação e uma vontade, seja esta ou aquela -
E eu, por meu lado, meu pobre lado,
Sabem o quê?, eu vou rezar. (pág. 85)
...
HAMLET
Portanto, como estranho, deve ser bem recebido.
Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,
Do que sonha a tua filosofia.
Mas, vamos lá;
Aqui, como antes, nunca, com a ajuda de Deus,
Por mais estranha e singular que seja a minha conduta –
Talvez, de agora em diante, eu tenha que
Adotar atitudes absurdas –
Vocês não devem jamais, me vendo em tais momentos,
Cruzar os braços assim, mexer a cabeça assim,
Ou pronunciar frases suspeitas,
Como "Ora, ora, eu já sabia", ou "Se nós quiséssemos, podíamos",
Ou "Se tivéssemos vontade de, quem sabe?"
Ou "Existem os que, se pudessem"
Ou ambigüidades que tais pra darem a entender
Que conhecem segredos meus. Não façam nada disso,
E a graça e a misericórdia os assistirão
Quando necessitarem. Jurem.

FANTASMA
(Debaixo da cena.) Jurem.
(Eles juram na espada de Hamlet.)

HAMLET
Repousa, repousa, espírito confuso!
Assim, amigos,
Com todo meu afeto, me recomendo aos senhores,
E tudo que um homem tão pobre quanto Hamlet
Puder fazer pra exprimir sua amizade e gratidão,
Se Deus quiser, ele fará. Vamos entrar juntos;
E por favor, um dedo sempre sobre os lábios.
Nosso tempo está desnorteado. Maldita a sina
Que me fez nascer um dia para consertá-lo
Venham, vamos entrar os três. (Saem.)! (págs. 88-89)

Ato II

Hamlet começa a se comportar insanamente.

Polônio encarrega um criado, Reinaldo, de espionar Laertes em Paris, usando, se necessário, artimanhas moralmente discutíveis. O Camarista fica também sabendo que Hamlet, mal vestido,

havia encontrado Ofélia, a olhado no rosto e se retirado sem dizer palavra. Polônio atribui o comportamento estranho de Hamlet ao fato de Ofélia o ter rejeitado e decide comentar com o rei o recente comportamento do Príncipe. O rei Cláudio, também preocupado, instrui dois amigos de infância de Hamlet, Rosencrantz e Guildenstern, para descobrir o que pode estar causando a súbita "transformação" de caráter no enteado e sobrinho. A rainha Gertrudes insiste em que só pode ter sido a morte do pai e o novo casamento da mãe. Enquanto isso, crescem as notícias de movimentação das tropas de Fortimbrás. Polônio está cada vez mais convicto de que a transformação de Hamlet está ligada à rejeição de Ofélia. O Lorde camarista e Hamlet têm a seguinte conversa:

POLÔNIO
Saiam, por favor, me deixem só com ele.
Vou falar com ele agora. Oh, eu suplico.
(Saem o Rei, a Rainha e o séqüito. Entra Hamlet, livro na mão).
Como está o meu bom Príncipe Hamlet?

HAMLET
Bem, Deus seja louvado.

POLÔNIO
O senhor me conhece, caro Príncipe?

HAMLET
Até bem demais; você é um rufião.

POLÔNIO
Não eu, meu senhor!

HAMLET
Que pena; me parece igualmente honesto no que faz.

POLÔNIO
Honesto, senhor?

HAMLET
E ser honesto, hoje em dia, é ser um em dez mil.

POLÔNIO
Isso é bem verdade, meu senhor.

HAMLET
Pois mesmo o sol, tão puro, gera vermes num cachorro.
Deuses gostam de beijar carniça... O senhor tem uma filha?

POLÔNIO
Tenho sim, meu senhor.

HAMLET
Não deixe que ela ande no sol. A concepção
É uma bênção; mas não como sua filha pode conceber.
Amigo, toma cuidado.

POLÔNIO
(Á parte.) O que é que ele diz? Acaba sempre em minha filha. E a princípio nem me conheceu, disse que eu era um rufião. Ele está longe, muito longe. Contudo, devo compreender, pois, na minha mocidade, também sofri muito de amor – cheguei bem perto disso. Vou falar de novo com ele.
(A Hamlet.) O que é que está lendo, meu Príncipe?

HAMLET
Palavras, palavras, palavras.

POLÔNIO
Mas, e qual é a intriga, meu senhor?

HAMLET
Intriga de quem?

POLÔNIO
Me refiro à trama do que lê, meu Príncipe.

HAMLET
Calúnias, meu amigo. O cínico sem-vergonha diz aqui que os velhos têm barba grisalha e pele enrugada; que os olhos deles purgam goma de âmbar e resina de ameixa; que não possuem nem sombra de juízo; e que eles têm bunda mole! É claro, meu senhor, que embora tudo isso seja verdadeiro, e eu acredite piamente em tudo, não aprovo nem acho decente pôr isso no papel. Pois o senhor mesmo ficaria tão velho quanto eu se, como o caranguejo, se pusesse a avançar para trás.

POLÔNIO
(À parte.) loucura embora, tem lá o seu método.
(Pra Hamlet.) O senhor precisa evitar completamente o ar, meu príncipe. (págs. 109-111)

Interrogado por Rosencrantz e Guildenstern, de quem desconfia serem espiões do tio, Hamlet tergiversa e discursa sobre a natureza humana:

HAMLET
Vou lhes dizer por quê: assim minha antecipação evitará que confessem, e o segredo prometido ao Rei e à Rainha não perderá nem uma pluma. Ultimamente – e por quê, não sei – perdi toda alegria, abandonei até meus exercícios, e tudo pesa de tal forma em meu espírito, que a Terra, essa estrutura admirável, me parece um promontório estéril: esse maravilhoso dossel que nos envolve, o ar, olhem só, o esplêndido firmamento sobre nós, majestoso teto incrustado com chispas de fogo dourado, ah, pra mim é apenas uma aglomeração de vapores fétidos, pestilentos. Que obra-prima é o homem! Como é nobre em sua razão! Que capacidade infinita! Como é preciso e bem-feito em forma e movimento! Um anjo na ação! Um deus no entendimento, paradigma dos animais, maravilha do mundo. Contudo, para mim, é apenas a quintessência do pó. O homem não me satisfaz; não, nem a mulher também, se sorri por causa disso. (págs. 115-116)

Hamlet está atormentado pela dúvida: teria o seu tio realmente matado o seu pai? Para esclarecer a verdade, aproveita uma trupe de teatro itinerante para testar o tio, por meio de uma “peça-ratoeira”. Consulta o primeiro ator: *“...E você poderá, se necessário, decorar uma fala de doze ou dezesseis versos escritos por mim e intercalá-los na peça?”* O ator principal concorda. Hamlet, agora só, conclui:

HAMLET
Oh, que ignóbil eu sou, que escravo abjeto!
Não é monstruoso que esse ator aí,
Por uma fábula, uma paixão fingida,
Possa forçar a alma a sentir o que ele quer,
De tal forma que seu rosto empalidece,
Tem lágrimas nos olhos, angústia no semblante,
A voz trêmula, e toda sua aparência se ajusta ao que ele pretende? E tudo isso por nada!
Por Hécuba![2]
O que é Hécuba para ele, ou ele pra Hécuba,
Pra que chore assim por ela? Que faria ele
Se tivesse o papel e a deixa da paixão
Que a mim me deram? Inundaria de lágrimas o palco
E estouraria os tímpanos do público com imprecações horrendas,
Enlouquecendo os culpados, aterrorizando os inocentes,
Confundindo os ignorantes; perturbando, na verdade,
Até a função natural de olhos e ouvidos.
Mas eu, idiota inerte, alma de lodo,
Vivo na lua, insensível à minha própria causa,
E não sei fazer nada, mesmo por um rei
Cuja propriedade e vida tão preciosa

---

[2] Segunda mulher de Príamo de Tróia e mãe de dezenove filhos, entre eles Heitor, Paris e Cassandra. Hécuba perde todos os filhos na Guerra de Tróia.

Foram arrancadas numa conspiração maldita.
Sou então um covarde? Quem me chama canalha?
Me arrebenta a cabeça, me puxa pelo nariz,
E me enfia a mentira pela goela até o fundo dos pulmões?
Hein, quem me faz isso?
Pelas chagas de Cristo, eu o mereço!
Pois devo ter fígado de pomba, sem o fel
Que torna o insulto amargo,
Ou já teria alimentado todos os abutres destes céus
Com as vísceras desse cão.
Ah, vilão obsceno e sangüinário!
Perverso, depravado, traiçoeiro, cínico, canalha!
Ó vingança!
Mas que asno eu sou! Bela proeza a minha.
Eu, filho querido de um pai assassinado,
Intimado à vingança pelo céu e o inferno,
Fico aqui, como uma marafona,
Desafogando minha alma com palavras,
Me satisfazendo com insultos; é como uma meretriz;
Ou uma lavadeira!
Maldição! Oh! Trabalha, meu cérebro! Ouvi dizer
Que certos criminosos, assistindo a uma peça,
Foram tão tocados pelas sugestões das cenas,
Que imediatamente confessaram seus crimes;
Pois embora o assassinato seja mudo,
Fala por algum órgão misterioso. Farei com que esses atores
Interpretem algo semelhante à morte de meu pai
Diante de meu tio,
E observarei a expressão dele quando lhe tocarem
No fundo da ferida.
Basta um frêmito seu, e sei o que fazer depois.
Mas o espírito que eu vi pode ser o demônio.
O demônio sabe bem assumir formas sedutoras
E, aproveitando minha fraqueza e melancolia,
Tem extremo poder sobre almas assim,
Talvez me tente para me perder.
Preciso provas mais firmes do que uma visão.
O negócio é a peça, que eu usarei
Pra explodir a consciência do rei. (págs. 127-128)

Ato III

Os espiões Rosencrantz e Guildenstern reportam ao rei Cláudio suas impressões sobre o comportamento de Hamlet. Polônio, que acompanha a conversa, diz ao casal real que Hamlet os estava convidando para a apresentação de teatro, naquela noite. Antes da peça, Polônio e Cláudio se escondem para ouvir conversa entre Hamlet e Ofélia. Enquanto Hamlet espera Ofélia, medita:

HAMLET
Ser ou não ser, eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com o sono – dizem – extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer, dormir...

Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa.
Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
A prepotência do mando, e o achincalhe
Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso
Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos,
Gemendo e suando numa vida servil,
Senão, porque o terror de alguma coisa após a morte –
O país não descoberto, de cujos confins
Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,
Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
A fugirmos pra outros que desconhecemos?
E assim a reflexão faz todos nós covardes.
E assim o matiz natural da decisão
Se transforma no doentio pálido do pensamento.
E empreitadas de vigor e coragem,
Refletidas demais, saem de seu caminho,
Perdem o nome de ação. (Vê Ofélia rezando.)
Mas, devagar, agora!
A bela Ofélia!
(Para Ofélia.) Ninfa, em tuas orações
Sejam lembrados todos os meus pecados. (págs. 134-135)

Na medida em que conversam, Hamlet desconfia que Ofélia o espiona a mando do Rei ou do Lorde camarista e a vai tratando com crescente hostilidade:

HAMLET
Vai prum convento. Ou preferes ser a geratriz de pecadores? Eu também sou razoavelmente virtuoso. Ainda assim, posso acusar a mim mesmo de tais coisas que talvez fosse melhor minha mãe não ter me dado à luz. Sou: arrogante, vingativo, ambicioso; com mais crimes na consciência do que pensamentos para concebê-los, imaginação para desenvolvê-los, tempo para executá-los. Que fazem indivíduos como eu rastejando entre o Céu e a Terra? Somos todos rematados canalhas, todos! Não acredite em nenhum de nós. Vai, segue pro convento. Onde está teu pai?

OFÉLIA
Em casa, meu senhor.

HAMLET
Então que todas as portas se fechem sobre ele, pra que fique sendo idiota só em casa. Adeus.

OFÉLIA
(À parte.) Oh, céu clemente, ajudai-o!

HAMLET
Se você se casar, leva esta praga como dote:
Embora casta como o gelo, e pura como a neve, não escaparás
À calúnia. Vai pro teu convento, vai. Ou,
Se precisa mesmo casar, casa com um imbecil.
Os espertos sabem muito bem em que monstros vocês os transformam.
Vai prum conventilho, um bordel! Vai! Vai depressa!
Adeus.

OFÉLIA
Ó, poderes celestiais, curai-o!

HAMLET
Já ouvi falar também, e muito, de como você se pinta. Deus te deu uma cara e você faz outra. E você ondula, você meneia, você cicia, põe apelidos nas criaturas de Deus, e procura fazer passar por inocência a sua volúpia. Vai embora! Chega! Foi isso que me enlouqueceu. Afirmo que não haverá mais casamentos. Os que já estão casados continuarão todos vivos, exceto um. Os outros ficam como estão. Prum bordel, vai! (Sai). (págs. 137-138)

Após ouvir a conversa, o rei Cláudio decide enviar Hamlet para a Inglaterra temendo que ele esteja mais do que perturbado por amor. Polônio e Cláudio combinam que o Camarista espionaria, após a peça, nova conversa de Hamlet, desta vez com sua mãe. Enquanto isso, Hamlet encontra Horácio e lhe diz *"Horácio, você é o homem mais equilibrado com quem convivi em toda a minha vida"*:

HORÁCIO
Oh, meu caro senhor.

HAMLET
Não creia que eu o lisonjeio;
Que vantagens posso tirar de ti
Que não tens pra te vestir e comer
Outra renda que não a de teus dotes de espírito?
Por que lisonjear o pobre?
Não; a língua açucarada deve lamber somente a pompa extrema,
E os gonzos ambiciosos dos joelhos dobrar apenas
Onde haja lucro na bajulação. Você me escuta?
Desde quando minha alma preciosa se tornou senhora de vontade própria,
E aprendeu a distinguir entre os homens,
Ela te elegeu pra ela. Porque você sempre foi uno,
Sofrendo tudo e não sofrendo nada;
Um homem que agradece igual
Bofetadas e carícias da fortuna... Felizes esse
Nos quais paixão e razão vivem em tal harmonia
Que não se transformam em flauta onde o dedo da sorte
Toca a nota que escolhe.
Me mostra o homem que não é escravo da paixão
E eu o conservarei no mais fundo do peito,
É, no coração do coração, o que faço contigo.
Mas já me excedi nisso. Esta noite há uma representação
Para o Rei. Uma das cenas lembra as circunstâncias
Que te narrei, da morte de meu pai.
Peço, quando vires a cena em questão,
Que observes meu tio com total concentração de tua alma.
Se a culpa que ele esconde não se denunciar, nesse momento,
Então o que vimos era um espírito do inferno,
E minha suspeita tão imunda
Quanto a forja de Vulcano. Escuta-o atentamente;
Meus olhos também estarão cravados em seu rosto.
Depois juntaremos nossas impressões
Pra avaliar a reação que teve. (págs. 143-144)

Começa a peça "O Assassinato de Gonzaga" com a presença do casal real. Antes da ação, a trupe apresenta pantomima reproduzindo a morte do rei segundo a versão do fantasma.

(Começa a pantomima. Entram um Rei e uma Rainha muito amorosos; os dois se abraçam. Ela se ajoelha e faz demonstrações de devoção a ele. Ele se levanta do chão e inclina a cabeça no ombro dela. Ele se deita num canteiro de flores. Ela, vendo-o dormir, se afasta, sai. Imediatamente surge um homem, tira a coroa do Rei, derrama o veneno no ouvido dele. Sai, beijando a coroa. A Rainha volta; encontra o Rei morto, faz apaixonadas demonstrações de dor. O Envenenador volta, acompanhado de dois ou três comparsas, e mostra-se condoído com a morte do Rei; acompanha a Rainha em suas demonstrações. O cadáver é levado embora. O

Envenenador corteja a Rainha com presentes. Ela mostra alguma relutância; recusa os presentes por uns momentos, por fim aceita as provas de amor. Saem) (págs. 147-148)

Não há reações, a não ser de Ofélia, ao lado de quem está o jovem Hamlet. Ela pergunta desconfiada: *"Que significa isso, meu senhor?"*

A peça está cheia de insinuações, como neste diálogo entre o Rei (ator) e a Rainha (atriz).

REI (ATOR)
Eu devo te deixar e muito em breve
Mas o fim da existência me é mais leve
Sabendo você, quando eu tiver partido,
Amada e honrada; e com outro marido
Tão terno quanto...

RAINHA (ATRIZ)
Não, eu não aceito!
Um outro amor não cabe no meu peito.
É maldição ter novo companheiro;
Só tem o segundo quem mata o primeiro. (pág 150)

No clímax, Luciano assassina o rei e Cláudio se levanta:

LUCIANO (sobrinho e assassino de Gonzaga na peça)
Pensamentos negros, drogas prontas, hora dada,
Tempo cúmplice, mãos hábeis... e ninguém vendo nada;
Tu, mistura fétida, destilada de ervas homicidas,
Infectadas por Hécate[3] *com tripla maldição, três vezes seguidas,*
Faz teu feitiço natural, tua mágica obscena,
Usurpe depressa esta vida ainda plena. *(Derrama veneno no ouvido do Rei.)*

HAMLET
Ele envenena o rei no jardim pra usurpar o Estado. O nome dele é Gonzaga. A história ainda existe e está escrita num italiano impecável. Agora vocês vão ver como o assassino arrebata o amor da mulher de Gonzaga.

OFÉLIA
O Rei se levanta!

HAMLET
Ué, assustado com tiro de festim!

RAINHA
(Para o Rei.) Sente alguma coisa, meu senhor?

POLÔNIO
Parem com a peça!

REI
Me dêem alguma luz! Depressa!

TODOS
Luzes! Luzes! Luzes!

(Saem todos, menos Hamlet e Horácio.) (págs. 153-154)

Hamlet, fingindo não ter notado que a peça havia abalado o Rei, concorda em conversar privadamente com sua mãe à noite, conversa essa que seria espionada por Polônio. Enquanto isso, o rei Cláudio, agora claramente com medo de Hamlet, decide mandá-lo para a Inglaterra, sob a guarda de Rosencrantz e Guildenstern. Sozinho, Cláudio reconhece para si mesmo ter cometido o crime e considera arrepender-se:

[3] Deusa que preside a magia e os feitiços. Ligada ao mundo das sombras, sua estátua é erguida nas encruzilhadas.

REI
Oh, meu delito é fétido, fedor que chega ao céu;
Pesa sobre ele a maldição mais velha,
A maldição primeira: assassinar um irmão!
Nem consigo rezar, embora a inclinação e a vontade imensa.
Mas se a vontade é grande, minha culpa é maior.
Como homem envolvido numa empreitada dúplice,
Hesito e paro, sem saber por onde começar;
E desisto de ambas. Mas, mesmo que esta mão maldita
Tivesse sua espessura duplicada pelo sangue fraterno,
Será que nesses céus clementes não haveria
Chuva bastante pra lavá-las de novo brancas como a neve?
Pra que serve a piedade senão para apagar a face do delito?
E o que é a oração senão essa virtude dupla:
Evitar nossa queda; ou perdoar-nos, depois,
Então eu olharei pro alto; pra resgatar minha culpa.
Mas, que forma de oração pode servir meu intuito?
"Perdoai meu torpe assassinato?"
Isso não pode ser, pois retenho a posse
Dos benefícios que me levaram ao crime –
É possível ser perdoado retendo os bens do crime?
Nas correntes corruptas deste mundo
As mãos douradas do delito podem afastar a justiça –
Como tanto se vê – o próprio lucro do malfeito
Comprando a lei. Mas não é assim lá em cima;
Ali não há trapaças. Lá a ação se mostra tal qual foi,
E nós, nós mesmos, somos compelidos a prestar testemunho,
Olhando nossas culpas no dente e no olho.
E então? Que resta? Ver o que pode o arrependimento.
O que não pode? Mas o que pode, quando não conseguimos nos arrepender?
Que lamentável estado! Peito negro como a morte!
Oh, alma cheia de visgo, cuja luta para ser livre
Ainda a embaraça mais. Socorro, anjos! Um esforço, por mim!
Dobrem-se, joelhos orgulhosos; coração de tendões de aço,
Fica suave como a carne tenra do recém-nascido!
Tudo pode sair bem. (Se move para um lado e se ajoelha).
(Entra Hamlet) (págs. 164 a 166)

Enquanto Cláudio reza, Hamlet, a caminho dos aposentos da mãe, percebe-o distraído e cogita matá-lo, mas recua:

HAMLET
Eu devo agir é agora; ele agora está rezando.
Eu vou agir agora – e assim ele vai pro céu;
E assim estou vingado – isso merece exame.
Um monstro mata meu pai e, por isso,
Eu, seu único filho, envio esse canalha ao céu.
Oh, ele pagaria por isso recompensa. Isso não é vingança.
Ele colheu meu pai impuro, farto de mesa,
Com todas suas faltas florescentes, um pleno maio.
E o balanço desse aí... só Deus sabe,
Mas pelas circunstâncias e o que pensamos
Sua dívida é grande. Eu estarei vingado
Pegando-o quando purga a alma,
E está pronto e maduro para a transição?
Não.
Pára espada, e espera ocasião mais monstruosa! (pág. 166)

Após a saída de Hamlet, Cláudio conclui:

REI
(Levantando.) Minhas palavras voam;
Meu pensamento lhes é infiel;
Palavras assim jamais chegam ao céu. (Sai.) (pág. 167)

Nos aposentos da Rainha, Hamlet é censurado pela mãe. Ele retruca, acusando-a de incesto:

HAMLET
Vem, vem, a senhora pergunta com uma língua indigna.

RAINHA
Como? O que é isso, Hamlet?

HAMLET
O que foi que aconteceu?

RAINHA
Esqueceste quem eu sou?

HAMLET
Não, pela cruz, não esqueci.
A senhora é a Rainha, esposa do irmão de seu marido;
E – antes não fosse! – é a minha mãe (pág. 170).

Hamlet vai ficando crescentemente agressivo com a mãe, o que leva Polônio a se descontrolar no esconderijo e a se deixar perceber atrás da cortina. Hamlet saca o florete e diz: *"O que é isso, um rato? Morto! Aposto um ducado; morto!"* e traspassa a cortina, ferindo Polônio de morte, mas pensando ter matado o Rei. Quando a Rainha diz *"Ai de mim, que fizeste?"*, Hamlet responde *"Ora eu não sei. Quem é, o Rei?"* Mesmo com o descontrole da mãe ante a gravidade da situação, Hamlet lhe revela o assassinato do Rei e a acusa de incesto novamente. O fantasma reaparece (sem que ela o veja) e o relembra de ser gentil com Gertrudes. Hamlet explica à mãe que finge loucura, porque tem *"de ser cruel para ser bom."* Após a argumentação de Hamlet, a rainha Gertrudes concorda em rejeitar o rei Cláudio, iniciando assim sua própria redenção.

RAINHA
O que devo fazer?

HAMLET
De modo nenhum o que vou propor em seguida[4]*:*
Deixe que o rei balofo a atraia outra vez ao leito,
Que belisque suas bochechas de maneira lasciva;
Que a chame de minha ratinha.
Depois que ele lhe der alguns beijos nojentos,
E lhe acariciar o colo com seus dedos malditos,
Deve ter a impressão de que lhe arrancou a revelação de tudo:
Ou seja: eu não estou louco de verdade;
Estou louco somente por astúcia. Seria bom que ele soubesse assim;
Pois, se uma verdadeira rainha, justa, sóbria e sábia, não fosse capaz de revelar
Segredos tão preciosos a um sapo, um vampiro, um gato, Quem o faria?
Não, contra todo o bom senso e a prudência,
Abra a gaiola no alto do telhado,
Deixe os pássaros voarem e, como o macaco da fábula,
Entre depois na gaiola, só para ver o que acontece;
E quebre o pescoço saltando lá de cima.

RAINHA
Olha aqui: se as palavras são feitas de aspiração,
E aspiração de vida, eu não tenho vida para aspirar
Nada do que você me disse. (págs 178-179)

---

[4] Retradução pelo resumidor do verso original: *"Not this, by no means, that I bid you do"*.

Hamlet comunica a sua mãe que vai partir para a Inglaterra escoltado por Rosencrantz e Guildenstern, que portam cartas, sabendo estar sendo encaminhado para uma armadilha: *"As cartas já estão seladas. E meus dois companheiros de escola em quem confio menos do que em dentes de víboras, são portadores das ordens. Devem limpar o caminho pra eu chegar à armadilha. Vamos deixar; pois é um prazer ver-se o engenheiro voar pelos ares com o próprio engenho"*. Hamlet deixa sua mãe e vai esconder o corpo de Polônio.

Ato IV

Cláudio, chocado com o assassinato de Polônio, alegando querer proteger o enteado, decide enviá-lo para a Inglaterra imediatamente. Gertrudes mente em favor do filho, dizendo acreditar que Hamlet está completamente louco. Com dificuldade, Cláudio arranca de Hamlet a localização do corpo de Polônio:

> **REI**
> *Onde está Polônio?*
>
> **HAMLET**
> *No céu; manda alguém ver. Se o seu mensageiro não o encontrar lá, o senhor mesmo pode ir procurá-lo no seu novo endereço. Agora, se o senhor não o encontrar até o fim do mês, vai sentir o cheiro dele quando subir os degraus da galeria.* (pág. 193)

Uma vez sozinho, Cláudio confessa ter tomado providências para Hamlet não voltar da Inglaterra.

Enquanto se desenrolam os acontecimentos em Elsinor, o jovem Fortimbrás aproxima-se da Dinamarca, supostamente a caminho de uma guerra na Polônia, em *"terreno tão pequeno que não caberiam nele todos os soldados"*. A comitiva de Hamlet encontra soldados de Fortimbrás. Após conversar com alguns deles, Hamlet medita sobre suas diferenças com relação ao guerreiro norueguês:

> **HAMLET**
> *Estarei com vocês imediatamente.*
> *Vai um pouco na frente.*
> *(Saem todos, exceto Hamlet.)*
> *Todos os acontecimentos parecem me acusar,*
> *Me impelindo à vingança que retardo!*
> *O que é um homem cujo principal uso e melhor aproveitamento*
> *Do seu tempo é comer e dormir? Apenas um animal.*
> *É evidente que esse que nos criou com tanto entendimento,*
> *Capazes de olhar o passado e conceber o futuro, não nos deu*
> *Essa capacidade e essa razão divina*
> *Para mofar em nós, sem uso. Ora, a não ser por esquecimento animal,*
> *Ou por indecisão pusilânime,*
> *Nascida de pensar com excessiva precisão nas conseqüências.*
> *Uma meditação que, dividida em quatro,*
> *Daria apenas uma parte de sabedoria*
> *E três de covardia. Eu não sei*
> *Por que ainda repito:*
> *"Isso deve ser feito",*
> *Se tenho razão e vontade e força e meios*
> *Pra fazê-lo. Exemplos grandes quanto a Terra me incitam;*
> *Testemunha é este exército, tão numeroso e tão custoso,*
> *Guiado por um príncipe sereno e dedicado,*
> *Cujo espírito, inflado por divina ambição,*
> *É indiferente ao acaso invisível,*
> *E expõe o que é mortal e precário*

A tudo que a Fortuna, a morte e o perigo engendram,
Só por uma casca de ovo. Ser verdadeiramente grande
É não se agitar sem uma causa maior,
Mas encontrar motivo de contenda numa palha
Quando a honra está em jogo. Como é que eu fico, então,
Eu que com um pai assassinado e com uma mãe conspurcada,
Excitações do meu sangue e da minha razão,
Deixo tudo dormir? E, pra minha vergonha,
Vejo a morte iminente de vinte mil homens
Que, por um capricho, uma ilusão de glória,
Caminham para a cova como quem vai pro leito,
Combatendo por um terreno no qual não há espaço
Para lutarem todos; nem dá tumba suficiente
Para esconder os mortos? Oh, que de agora em diante
Meus pensamentos sejam só sangrentos; ou não sejam nada! (Sai.) (págs. 199-200)

Depois que Hamlet deixa a Dinamarca, Ofélia, abalada pela morte do pai, começa a enlouquecer. Seu irmão, Laertes, ao saber da morte do pai e pensando ter sido Cláudio o assassino, retorna imediatamente à Dinamarca, subleva uma parte do povo e marcha contra Elsinor exigindo justiça: *"... E tu, rei canalha, me devolve meu pai!"* Cláudio o acalma, fazendo-se também de vítima:

REI
Laertes, deixa que eu partilhe tua dor.
Ou estarás me negando um direito, Retira-te,
Escolhe entre os teus, teus amigos mais sábios,
E que ouçam e decidam entre você e eu.
Se por via direta ou mão por nós instruída
Acharem que temos alguma culpa, te entregaremos o reino,
A coroa, nossa vida, e tudo o mais que nos pertence,
Como forma de reparação. Não sendo assim,
Terás de nos emprestar tua paciência;
E trabalharemos de acordo com a tua alma
Para a satisfação que lhe é devida. (pág.211)

Enquanto isso, Horácio recebe de misteriosos mensageiros (*"gente do mar"*) notícias de Hamlet:

HORÁCIO
(Lê.) "Horácio, quando tiveres percorrido estas linhas, facilita a estes homens alguma maneira de chegarem ao Rei; têm cartas para ele. Não estávamos no mar nem há dois dias quando um navio pirata fortemente armado nos deu caça. Como éramos muito lentos de vela, tivemos de demonstrar uma coragem forçada e, na abordagem, saltei para o navio pirata. Nesse exato instante o barco se afastou do nosso e fiquei sendo o único prisioneiro. Os atacantes se comportaram comigo com curiosa misericórdia, sabiam o que faziam. Esperam que eu lhes preste um bom serviço. Faz com que o Rei receba as cartas que enviei: e me responde com a pressa com que fugirias da morte. Tenho palavras para dizer em teus ouvidos que te deixarão mudo; mas mesmo assim são munição ligeira para o calibre do assunto. Essa boa gente te conduzirá aonde eu estou. Rosencrantz e Guildenstern continuam a viagem para a Inglaterra. Tenho muito a te contar sobre eles. Adeus.

Aquele que tu sabes teu,
Hamlet" (pág. 214)

Ao saber da volta de Hamlet, Cláudio trama com Laertes a morte do Príncipe num duelo de exibição. Enquanto confabulam, chega a notícia da morte de Ofélia por afogamento. Laertes fica arrasado. A Rainha descreve a tragédia:

RAINHA
Há um salgueiro que cresce inclinado no riacho
Refletindo suas folhas de prata no espelho das águas;
Ela foi até lá com estranhas grinaldas

De botões-de-ouro, urtigas, margaridas,
E compridas orquídeas encarnadas,
Que nossas castas donzelas chamam dedos-de-defunto,
E a que pastores, vulgares, dão nome mais grosseiro.
Quando ela tentava subir nos galhos inclinados,
Para aí pendurar as coroas de flores,
Um ramo invejoso se quebrou;
Ela e seus troféus floridos, ambos,
Despencaram juntos no arroio soluçante.
Suas roupas inflaram e, como sereia,
A mantiveram boiando um certo tempo;
Enquanto isso ela cantava fragmentos de velhas canções,
Inconsciente da própria desgraça
Como criatura nativa desse meio,
Criada pra viver nesse elemento.
Mas não demoraria pra que suas roupas
Pesadas pela água que a encharcava,
Arrastassem a infortunada do seu canto suave
À morte lamacenta. (pág. 223)

Ato V

Hamlet e Horácio vagueiam anonimamente pelo cemitério e conversam com um coveiro irônico e atrevido que está cavando uma cova para o corpo de uma mulher *"que havia se suicidado"*. Interrogado, o homem lhes comunica ter iniciado na profissão trinta anos antes, no ano em que o falecido rei Hamlet havia vencido o velho rei Fortimbrás e que havia sido o ano do nascimento do príncipe Hamlet, que teria enlouquecido e sido mandado para a Inglaterra.

Hamlet apanha um crânio do chão que lhe é informado ter pertencido a um antigo bobo do Rei, Yorick, que Hamlet havia conhecido na infância. Segue-se o diálogo:

HAMLET
Você acha que Alexandre também ficou assim embaixo da Terra?

HORÁCIO
Assim mesmo.

HAMLET
E fedia assim? Puá! (Joga o crânio fora.)

HORÁCIO
Assim mesmo.

HAMLET
A que serventias vis podemos retornar, Horácio! Nada nos impede de seguir o caminho da nobre cinza de Alexandre, até achá-lo calafetando um furo de barrica.

HORÁCIO
Pensar assim é chegar a minúcias excessivas.

HAMLET
Não, por minha fé, nada disso! É apenas seguir o pensamento com naturalidade. Vê só: Alexandre morreu; Alexandre foi enterrado; Alexandre voltou ao pó; o pó é terra; da terra nós fazemos massa. Por que essa massa em que ele se converteu não pode calafetar uma barrica?

César Augusto é morto, virou terra;
Pôr o vento pra fora é sua guerra –
O mundo tremeu tanto ante esse pó
Que serve agora pra tapar buraco – só.

Mas, devagar! Devagar agora! Vamos nos afastar. O Rei vem aí![5] (págs 236-237)

Aproxima-se o cortejo fúnebre de Ofélia despojado de adornos religiosos. O padre dá a entender que Ofélia teria se suicidado:

PRIMEIRO PADRE
As exéquias foram celebradas nos limites
A que nos autorizaram. Sua morte foi suspeita;
Não fosse a ordem superior para exceção da regra,
Teria sido enterrada em campo não consagrado
Até as trombetas do Juízo Final; em vez de preces caridosas,
Pedras, cacos e lama seriam atirados sobre ela.
Contudo, lhe foram concedidas grinaldas de virgem,
Braçadas de flores brancas e tímpanos e séquito,
Acompanhando-a à última morada. (pág. 238)

Laertes reage furiosamente:

LAERTES
Deponha-a sobre a terra;
Que de sua carne bela e imaculada
Brotem as violetas! Te digo, padre cretino,
Minha irmã será um anjo eleito entre os eleitos,
Quando tu uivares nas profundas do inferno (págs. 238-239).

Hamlet aparece e começa uma briga entre ele e Laertes, motivada por Hamlet estar enciumado pelas manifestações de amor fraterno de Laertes:

HAMLET
Eu amava Ofélia. Quarenta mil irmãos
Não poderiam, somando seu amor,
Equipará-lo ao meu.
(A Laertes.) Que farás
Tu por ela? (pág. 240)

Hamlet conta a Horácio que havia trocado o conteúdo das cartas e que na verdade Rosencrantz e Guilldenstern é que haviam sido mortos, sem que lhes tenha sido concedido *"nem tempo para a confissão"*. Hamlet confessa que quer matar o tio.

O Rei e Laertes põem em prática novo plano para matar o Príncipe: antes do duelo de exibição envenenariam a ponta da espada de Laertes e a taça de vinho de que Hamlet supostamente beberia.

Provocado por um nobre chamado Osric, Hamlet aceita o desafio, mesmo pressentindo a armadilha:

HORÁCIO
Se há alguma apreensão em seu espírito, obedeça. Providenciarei para que não venham, dizendo que o senhor não está preparado.

HAMLET
Em absoluto; desafio os augúrios. Existe uma previdência especial até na queda de um pássaro. Se é agora, não vai ser depois; se não for depois, será agora; se não for agora, será a qualquer hora.

---

[5] Tradução alternativa de Anna Amélia Carneiro de Mendonça ("Hamlet e Macbeth", Ed. Nova Fronteira, 2ª. impressão)
"César, imperador, morto e em barro mudado
Poderia vedar um furo contra o vento.
Esta terra que pôs o mundo apavorado
Vai tapar na parede um sopro friorento."

Estar preparado é tudo. Se ninguém é dono de nada do que deixa, que importa a hora de deixá-lo? Seja lá o que for!
(Entram o Rei, a Rainha, Laertes, fidalgos, Osric e servidores com floretes, luvas de esgrima, uma mesa e frascos de vinho). (pág. 253-254)

A luta começa. Hamlet vence os dois primeiros *rounds*. A Rainha, tomada de alegria, inadvertidamente bebe da taça destinada a Hamlet e agoniza, dizendo-se envenenada. A luta agora é franca e real. Hamlet é atingido fatalmente. Na confusão, as espadas são trocadas e Laertes é atingido por Hamlet com a própria espada. Agonizando, Hamlet atinge o rei Cláudio, que se contamina também.

Horácio se oferece ao suicídio, mas Hamlet pede a ele que viva para contar sua história:

HAMLET
O céu te absolva! Vai, eu te sigo.
Eu estou morto, Horácio. Pobre Rainha, adeus! Boa-noite.
(A todos.) Todos vocês que estão pálidos e trêmulos
Diante deste drama; que são apenas comparsas
Ou espectadores mudos desta cena,
Se me sobrasse tempo, mas a morte,
Essa justiceira cruel, é inexorável nos seus prazos –
Oh, eu poderia lhes contar
Mas que assim seja. Eu estou morto, Horácio.
Você vive. Explica a mim e a minha causa fielmente
Àqueles que duvidem.

HORÁCIO
Não esperes por isso.
Não sou um dinamarquês, sou mais um romano antigo.
Ainda tem um pouco de bebida. (Levanta a taça.)

HAMLET
Se você é um homem;
Me dá essa taça. Larga-a, pelos céus, deixa comigo!
Ó Deus, Horácio, que nome execrado
Viverá depois de mim,
Se as coisas ficarem assim ignoradas!
Se jamais me tiveste em teu coração
Renuncia ainda um tempo à bem-aventurança,
E mantém teu sopro de vida neste mundo de dor
Pra contar minha história.
(Marcha, ao longe, disparos fora de cena.)
O que são esses barulhos guerreiros? (págs. 261-262)

Com suas últimas forças, Hamlet recomenda entregar o trono da Dinamarca ao jovem Fortimbrás, que invade Elsinor no momento das mortes.

HAMLET
Oh, eu morro, Horácio;
O poderoso veneno domina o meu espírito.
Não vou viver para ouvir notícias da Inglaterra;
Mas profetizo que a eleição recairá em Fortimbrás.
Ele tem o meu voto agonizante;
Diz-lhe isso e fala de todas as ocorrências
Maiores e menores que me impulsionaram a...
O resto é silêncio. (Morre.) (pág. 262)

Vitorioso na Polônia, Fortimbrás assume o castelo de Elsinor.

Fortimbrás
Nos apressamos em te ouvir.
Convocaremos os mais nobres para essa audiência.
Quanto a mim, é com pesar que abraço a minha fortuna.
Tenho neste reino alguns direitos jamais esquecidos
Que a ocasião propícia me obriga a reivindicar. (pág. 264)

O embaixador inglês, presente ao duelo de exibição, pede explicações:

Embaixador Inglês
A cena é sombria
Nossas mensagens da Inglaterra chegam tarde demais.
Os ouvidos que deviam nos ouvir estão insensíveis,
Não saberão que suas ordens foram executadas,
Não saberão que Rosencrantz e Guildenstern estão mortos.
De quem receberemos nosso agradecimentos?

Horácio
Não de sua boca,
Se ainda tivesse a capacidade viva do agradecimento.
Jamais deu ordem pra que fossem mortos.
Mas como chegaram aqui
Logo após esta luta sangrenta,
Um das guerras polonesas e outro da Inglaterra,
Ordenem que estes corpos sejam colocados à vista do povo
Numa essa bem alta, e deixem que eu relate ao mundo,
Que ainda não o sabe, como essas coisas se passaram.
Me ouvirão falar de atos carnais, sanguinolentos
E contra a natureza; julgamentos fortuitos, assassinatos casuais,
Mortes instigadas por perfídias e maquinações,
E, como epílogo, maquinações confundidas,
Caindo na cabeça de seus inventores.
O meu relato trará a verdade inteira. (págs. 263-264)

Fortimbrás manda retirar os corpos e oferece a Hamlet um funeral de rei.

Fortimbrás
Que quatro capitães
Carreguem Hamlet como soldado para um cadafalso.
É evidente que, se houvesse reinado,
Seria um grande rei.
Que a música marcial e os ritos guerreiros
Falem alto por ele,
Na sua partida.
Levai os corpos.
Esta cena final
Convém mais ao campo de batalha. Aqui vai mal. (pág. 264)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Millôr Fernandes, retirados de “Hamlet”, Editora Peixoto Neto, São Paulo, 2004. Os comentários mitológicos foram pesquisados no “Dicionário de Mitologia Grega e Romana” de Pierre Grimal, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000)